

DIÇÃO, VOCÁBULO OU PALAVRA: REFLEXÕES PARA UMA TEORIA DA LINGUAGEM EM FERNÃO DE OLIVEIRA

Maria João Marçalo
Universidade de Évora

RESUMO: Publicada em 1536, a *Gramática da Linguagem Portuguesa* de Fernão de Oliveira, é um interessante texto que contribui para um conhecimento mais perfeito das reflexões e conceções linguísticas da Europa do século XVI. Embora o autor nos dê uma magnífica descrição de fonética articulatória dos sons do Português, o nosso interesse aqui dirige-se para a classificação das palavras proposta por Oliveira.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria da Linguagem; Fernão de Oliveira; Palavra, Gramática, Português

ABSTRACT: *Published in 1536, the Gramática da Linguagem Portuguesa (Grammar of the Portuguese Language) by Fernão de Oliveira, is a very interesting text that contributes to a better understanding of linguistic ideas and linguistic concepts in Europe, of the XVI century. Although he gives us a very good phonetic description on producing Portuguese language sounds, our main interest here is directed to words classification.*

KEYWORDS: *Theory of Language; Fernão de Oliveira; Word; Grammar; Portuguese*

Sabemos hoje que desde muito antes do século XV, encontramos reflexões linguísticas na Ibéria que revelam o interesse por questões seminais de Teoria da Linguagem. São de tal testemunho reflexões como as presentes na obra de Afonso X, o Sábio, sobre o nascente romance castelhano¹. A Gramática de

¹ CE Hans-J. Niederehe, *Alfonso X el Sabia y la lingüística de su tiempo*, Madrid, Sociedad General de Libreria, 1987.

António de Nebrija, redigida em castelhano marcou, contudo, um momento muito importante da tradição filológica europeia.

1 O português Fernão de Oliveira, que viveu ao que se sabe entre 1507 e 1581, certamente inspirado na gramática de António de Nebrija, cujo nome é explicitamente mencionado no capítulo VI² (Oliveira, 1975: 46), publica em 1536 a *Gramática da Linguagem Portuguesa*. A Gramática de Elio António de Nebrija, apesar de ter constituído um fracasso na época por se revelar demasiado inovadora, continua a ocupar lugar cimeiro entre as gramáticas impressas das línguas vulgares e redigidas em romance. Acabada de imprimir em 18 de Agosto de 1492 esta gramática é 37 anos anterior à italiana de Trissino, 58 anterior à francesa de Meigret e 44 anos anterior à portuguesa de Fernão de Oliveira. A obra de Oliveira, por seu turno, apresenta aspetos bastante originais que lhe reivindicam um lugar mais destacado na história da linguística, e concretamente da linguística românica do que aquele que na verdade tem ocupado. Eugenio Coseriu considera-o, depois de Nebrija, um dos gramáticos mais originais e “o mais importante foneticista da Renascença na România” (Coseriu, 1991: 47).

Se Fernão de Oliveira se destaca no panorama da linguística portuguesa principalmente pelo seu indispensável contributo para o conhecimento do sistema fonológico do português de quinhentos, não é de desprezar o que nos diz sobre a formação de palavras, matéria da qual aqui nos ocuparemos.

1.1 As ideias apresentadas no capítulo XXX e seguintes da *Gramática da Linguagem Portuguesa*, delineiam a primeira teoria da composição palavras conhecida na história da linguística românica. Não nos permitiria o nosso fraco conhecimento das gramáticas românicas renascentistas fazer uma afirmação tão categórica. Tomámos, pois a liberdade fazer nossas as palavras sempre avisadas do Professor Coseriu “... Oliveira apresenta nos parágrafos sobre o vocabulário, ... um esboço de lexicologia e neste esboço, uma teoria da composição das palavras que constituem o primeiro – e em certo sentido o único – esboço

² Fernão de Oliveira, *Gramática da Linguagem Portuguesa*, Lisboa, 1536, edição fac-similada, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1988. Utilizaremos neste trabalho, parcialmente publicado em 1996 em capítulo de livro dedicado à morfologia, a edição com Introdução, leitura actualizada e notas de Maria Leonor Carvalhão Buescu, *A Gramática da Linguagem Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1975. Posteriormente, foi dada à estampa pela Academia das Ciências de Lisboa, a belíssima Edição crítica, semidiplomática e anastática por Amadeu Torres e Carlos Assunção. Não fora o prazo apertado de entrega deste artigo, teríamos optado por reformular as citações de acordo com esta edição datada de 2000.

desse tipo e a primeira teoria da composição das palavras que conhecemos na história da língua românica”. (Coseriu, 1991: 31).

1.1.1 As dições, designação que Oliveira considera sinónima de vocábulos ou palavras³, são classificadas sob perspectivas diferentes, do seguinte modo: ou são nossas próprias, ou alheias, ou comuns; apartadas; ou juntas; velhas, novas ou usadas; próprias ou mudadas; primeiras ou tiradas.

1.1.2 Estes cinco grupos pautam-se por critérios diferentes, a saber:

– O critério etimológico, matizado pela aplicação de uma perspectiva; sincrónica (Coseriu, 1991: 32) permite-lhe a distinção entre dições nossas, alheias ou comuns: “As nossas dições são aquelas que nasceram entre nós ou são já tão antigas que não sabemos se vieram de fora” (Oliveira, 1975: 82-83); “As dições alheias são aquelas que doutras línguas trazemos à nossa por alguma necessidade de costume, trato, arte ou coisa alguma novamente trazida à terra” (*ibidem*: 85); “dições comuns chamamos aquelas que em muitas línguas servem igualmente e o tempo em que se mudaram de uma língua para outra fica tão longe de nós, que não podemos facilmente saber de qual para qual língua se mudaram” (*ibidem*: 87).

– O critério diacrónico matizado por directrizes cronológicas e/ou de frequência de uso levam-no a distinguir dições velhas, novas e usadas: “dições velhas são as que foram usadas, mas agora são esquecidas” (*ibidem*: 93); “as dições novas são aquelas que novamente ou de todo fingimos ou em parte achamos” (*ibidem*: 95); as dições usadas “são próprias do nosso tempo e terra” (*ibidem*: 97).

É-nos assim dada a distinção entre arcaísmos – “antiguidades de falar” e neologismos – vozes novas para nomear aquilo que de novo for achado.

Quanto às dições usadas acrescenta ainda que são as que todos e entendem, e algumas dessas que foram novas não são já assim consideradas “por serem mui frequentadas”.

– O critério da denotação e conotação permite a distinção entre dições próprias, “aquelas que servem na sua primeira e principal significação” e dições mudadas, “aquelas que estão fora de seu próprio significado” (*ibidem*: 99).

1.1.3 Os dois últimos grupos, que deliberadamente deixámos para a última consideração, situam-nos indiscutivelmente na área da formação de palavras. Temos por um lado as dições primitivas e as tiradas derivadas e por outro as dições apartadas ou simples e as juntas ou compostas. Da distinção entre

³ “Dição, vocábulo ou palavra, tudo quer dizer uma coisa. (...) palavra é voz que significa coisa ou acto ou modo” (Oliveira, 1975: 81)

dições primeira e tiradas, diz-nos Oliveira que primeiras são aquelas “cujo nascimento não procede doutra parte mais que da vontade livre daquele que as primeiro pôs” (*ibidem*: 99-100) e tiradas são aquelas “cujos nascimentos vêm de outras algumas dições donde estas são tiradas” (*ibidem*). O primeiro gramático português justifica a formação de palavras derivadas ou tiradas do modo seguinte: “tíramos ou formamos umas dições de outras para abastecer fazer copiosa a nossa língua e para que nos não faltem vocábulos nas coisas para as quais todos os primeiros homens não puderam dar vozes em cumprimento” (*ibidem*: 100).

A formação de palavras derivadas tem como base a semelhança entre as coisas, ou seja, este tipo de criação linguística é apontado como extralinguisticamente motivado⁴. Partindo da semelhança dos objectos, faz Fernão de Oliveira a apologia da semelhança das palavras: “é conforme’ boa razão que se guarde a semelhança das coisas nas vozes” (*ibidem*:101). Os exemplos aduzidos são **tinteiro**, palavra derivada de tinta (“pela vizinhança e trato que tem com tinta”), **velhice** de velho (porque é sua própria), etc.

Esta interferência ou relação reflectora do extralinguístico no linguístico é louvada por Oliveira que considera tais dições como mais claras e melhor expressando seus significados (Cf. 101). A formação das “vozes tiradas”, ou seja, a formação de palavras por derivação é de seguida tratada, de acordo com a tradição grega, no capítulo intitulado *Da analogia*.

1.2 O primeiro gramático português trata mais pormenorizadamente do que respeita às palavras simples e compostas nos capítulos XXXIV e XXXV. Como para a presente prelecção essa é também a categoria que mais nos interessa, procederemos de igual modo.

1.2.1 Num primeiro momento Oliveira encara as dições no que concerne às suas partes constituintes. Exceptuando as dições que coincide com uma só letra⁵, todas se dividem em sílabas e letras. Algumas, porém podem ser divididas em dições inteiras. Este é, pois, o primeiro critério tomado para estabelecer a separação entre dições apartadas e dições juntas: citando Oliveira “As dições apartadas, a que os Latinos chamam simples ou singelas, são aquelas cujas partes não podem ser dições inteiras” (*ibidem*: 89); “As dições juntas a que os

⁴ “porque umas coisas ou são ou parecem chegadas a outras, ou também descendentes e espécies delas, assim isso mesmo fazemos umas dicções quase como espécies participantes de outras, e em outras fazemos as formas semelhantes e chegadas em voz” (Oliveira, 1975: 100).

⁵ Exemplifica com é, terceira pessoa do Presente do Indicativo do verbo Ser e outros (Cf. Oliveira, 1975: 89).

latinos chamam compostas são cujas partes... são dições por si ou partes de outras dições” (*ibidem*: 90). Como exemplos de dições juntas, Oliveira refere **contrafazer, rezer, desfazer**.

O fundamento basilar para a identificação das palavras compostas é precisamente a possibilidade de distinção de partes diversas que se juntam para fazer uma só palavra: “As dições juntas são aquelas em que se ajuntam diversas dições ou suas partes fazendo uma só dição” (*ibidem*). Diz-nos ainda que o número de constituintes ou partes integrantes das palavras compostas pode ser igualou superior a dois. Na sua maioria as dições juntas são constituídas de duas partes. Quanto à morfologia das partes, diz-nos que elas podem manter a forma que apresentam isoladamente ou vê-la alterada.

1.2.2 A par destas considerações de natureza morfológica, ou se preferirmos, respeitantes ao significante, Oliveira apresenta-nos também critérios de ordem semântica. As partes constituintes destas dições juntas podem ou não ter significado quando consideradas individualmente. Assim em **re + fazer** e **des + fazer, re e des** “apartadas não dizem coisa alguma”. Tais dições manifestam-se sempre junto de outra dição, pois nunca as encontramos como dições inteiras: “têm por ofício servir sempre em ajuntamento e nunca as achamos fora dele” (*ibidem*: 91). Estamos, nada mais, nada menos do que perante as formas presas de Leonard Bloomfield. Para Oliveira o significado destas só se revela nas dições juntas: “esta parte re, no ajuntamento, tem virtude de acrescentar, e estoutra des tem virtude de desfazer ou diminuir ou fazer o contrário” (*ibidem*: 93).

Quanto ao significado da palavra composta, Fernão de Oliveira considera que ele pode ser idêntico ou semelhante à soma dos significados das palavras que a constituem, mas pode também nada ter a ver com o significado das partes individualmente consideradas (*ibidem*: 92-93).

1.3 Oliveira tem já consciência das duas faces do signo, a que ele chama **voz** e **significado**. A relação entre ambas não pode ser comprometida pela operação de identificação dos componentes das palavras compostas, onde ele utiliza um dos instrumentos de análise mais característicos da linguística estrutural, introduzido pela Escola de Praga e baptizado por Hjelmslev. Referimo-nos como é evidente à comutação.

Tomando como exemplo a palavra *amaríamos*, diz-nos que na voz ela pode ser dividida em *ama* + *riamos*, pois existem em português as palavras *ama* – (“nome de mulher que cria, ou verbo imperativo e também indicativo”) e *riamos* (“pretérito imperfeito de rir”). Ainda que a palavra *amaríamos* possa ser dividida quanto ao seu significante, o seu significado não permite tal divisão. Diz-nos Fernão de Oliveira a propósito destas palavras: “E posto que se

possam dividir quanto à voz, o seu primeiro principal intento e significado não consentem tal divisão” (Oliveira, 1975: 89). *Amaríamos* não é pois exemplo de palavra composta.

A possibilidade de os constituintes da dição aparecerem isolados não é assim o critério mais determinante para a classificação das palavras compostas. O critério determinante é antes de mais a possibilidade de analisar em segmentos a significação lexical⁶. Consequentemente considera a+correr, a+parecer, a+conselhar, en+carregar, esguardar com dições juntas, e apanhar, arranhar, ensinar, escutar, esperar como dições simples.

1.4 A análise de Fernão de Oliveira debate-se já com os mesmos problemas que encontramos a dificultar a análise praticada pelas diversas escolas estruturalistas, nomeadamente a colisão entre a análise do significante e a análise do significado. Recorde-se simplesmente a dificuldade levantada por formas como *receive*, *deceive*, *conceive*, *retain*, *detain*, *contain*, mencionadas por Blomfield na sua obra *Language*, publica em 1933.⁷

Muito há de pensamento linguístico nas obras gramaticais atuais que se relaciona com o enunciado por Fernão de Oliveira, em 1536. Daí que tenhamos reunido aqui estas breves reflexões como contributo e incentivo para uma teoria da linguagem oliveiriana que urge fazer-se.

Bibliografia

- BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. Chicago: The University of Chicago Press, 1933.
- CARVALHO, José Herculano de. *Teoria da linguagem - natureza do fenómeno linguístico e a análise das línguas*. Coimbra: Coimbra Editora, 2 v., 1983.
- CLAIRIS, Christos. De la Morphologie. *La linguistique*. Paris: P. V.E, n. 21, 1985, p. 177-183.
- COSERIU, Eugénio. *Lições de linguística geral*. Rio de Janeiro: Presença, 1980.
- Coseriu, Eugenio. *Lingua e funcionalidade em Fernão de Oliveira*. Niterói: EdUFF, 1991.

⁶ Cf. Coseriu, op. cit., p. 35.

⁷ Veja-se Bloomfield, *Language*, p. 209. Ver ainda Maria João Marçalo, “Aspects of portuguese syntematics - theory and problems”, p. 222.

- CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*, Lisboa: Sá da Costa Editora, 1984.
- FERREIRA, José de Azevedo. *Bibliografia selectiva da língua portuguesa*. Lisboa: ICALP, 1989.
- FREI, Henri. L'unité linguistique complexe, *Lingua*. 1962, p. 128-140.
- GUSMANI, Roberto. La Sintemática. *Logos semantikos - Studia linguistica in honorem Eugenio Coseriu*. Madrid: Gredos/Walter de Gruyter, vol. III, 1981, p. 421-427.
- JOLIVET, Rémi. Remarques sur la Morfologie au Sens d' André Martinet. *Linguistique Fonctionnelle - Débat, et perspectives*. Paris: P.V.E, 1979, p. 163.
- KRÁMSKY, Jiri. *The word as a linguistic unit*. Paris: The Hague, Mouton, 1969.
- MARCHANT, Hans. On the Description of Compounds. *Word*. n. 23, 1967, p. 379-387.
- MARÇALO, Maria João. *Introdução à linguística funcional*. Lisboa: Instituto de Cultura e Apoio à Língua Portuguesa, 1992/ 2007. Disponível em www.institutocamoes.pt/cvc/bdc/index_lingua.html.
- MARÇALO, Maria João. *Fundamentos para uma gramática de funções aplicada ao português*. Coleção Linguística. Évora: Centro de Estudos em Letras, 2009.
- MARÇALO, Maria João. O Sintagma Fixo ou Sintema. *Actas do VII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri, 1993, p. 279-290.
- MARÇALO, Maria João. Aspects of the Portuguese Synthematics Theory and Problems. *Actas - Jornadas internacionais de lingüística aplicada*. Granada: Instituto de Ciencias de la Educacion, Universidad de Granada, 1993, p. 221-233.
- MARTINET, André. Le Mot. *Diogene*. 51, 1965, p. 39-53.
- MONTEIRO, José de Lemos. As Ideias Linguísticas de Fernão de Oliveira. *Confluência - Revista do Instituto de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, n. 15, 1998, p. 98-116.
- NIEDEREHE, Hans-J. *Alfonso X el Sabio y la Lingüística de su Tiempo*. Madrid: Sociedad General de Libreria, 1987.
- OLIVEIRA, Fernão de. *A gramática da linguagem portuguesa*. Edição crítica, semidiplomática e anastática por Amadeu Torres e Carlos Assunção, com um estudo introdutório do Prof. Eugénio Coseriu. Lisboa: Academia das Ciências, 2000 [1536].
- OLIVEIRA, Fernão de. *A gramática da linguagem portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, introdução, leitura actualizada e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu, 1975 [1536].

- RIO-TORTO, Graça Maria. *Formação de palavras em português- aspetos da construção de avaliativos*. Coimbra: mimeo. 1993.
- SCHLIEBEN-LANGES, Brigitte. Letra, Figura und Força bei Fernão de Oliveira. *De orbis hispani linguis, historia, moribus. Festschrift für Dietrich Briesemeister zum 60. Geburtstag*. Frankfurt Main: Domus Editoria Europaea, 1994, p. 17-28.
- TRNKA, Bohumil. Principles of Morphological Analysis. *Philologica pragensia*. v. 4, n. 3, 1961, p. 129-137.
- TRNKA, Bohumil. On the Morphological Classification of Words. *Lingua*. 11, 1962, p. 422-425.
- VILELA, Mário. A Formação de Palavras: Componente Independente ou Apenas Subcomponente? *Revista da Faculdade de Letras do Porto*. 1986, p. 31-52.
- ZGUSTA, Ladislav . Multiword Lexical Units. *Word*. 23, 1967, p. 57-587.